



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

“TUDO BEM?” OU “TUDO BOM?”: *CONSTRUALS* ALTERNATIVOS
EM ABERTURA DE CONVERSA

WELLINGTON NUNES DE NOVAES

RIO DE JANEIRO

2020

WELLINGTON NUNES DE NOVAES

“TUDO BEM?” OU “TUDO BOM?”: *CONSTRUALS* ALTERNATIVOS
EM ABERTURA DE CONVERSA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharelado em Letras na habilitação Português/
Literatura

Orientador: Prof. Dr. Lilian Vieira Ferrari

RIO DE JANEIRO

2020

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	4
1.1. Linguística Cognitiva.....	4
1.1.1. Gramática Cognitiva.....	4
1.1.1.1. Construals.....	4
1.1.1.1.1. Proeminência.....	5
1.1.1.1.2. Perspectiva.....	9
1.1.2. Gramática de Construções.....	11
1.1.3. Teoria dos Espaços Mentais.....	13
1.2. Análise da Conversação.....	18
1.2.1. Pares Adjacentes.....	18
2. COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR.....	20
2.1. WhatsApp.....	20
2.2. Tinder.....	23
3. METODOLOGIA.....	27
3.1. Objeto de Estudo.....	27
3.2. Banco de Dados.....	28
3.3. Objetivos e Hipóteses.....	28
4. ANÁLISE.....	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do estudo das saudações “Tudo bem?” e “Tudo bom?” em contexto de abertura de conversa mediada por computador. Para estudá-las, parte-se do Princípio de Não Sinonímia (Goldberg, 1995), segundo o qual construções sintaticamente distintas também são semanticamente distintas, com o objetivo de investigar o que diferencia semanticamente as duas saudações. Para realizar essa investigação, o trabalho adota o referencial teórico da Linguística Cognitiva, recorrendo-se a noções relacionadas à Gramática Cognitiva (Langacker, 1987, 1991), à Gramática de Construções (Golberg, 1995) e à Teoria da Mesclagem Conceptual (Fauconnier & Turner, 2002). Além disso, a noção de par adjacente, nos moldes descritos pela Análise da Conversação (Levinson, 1983), também serve de base para a análise.

No âmbito da Gramática Cognitiva, a noção de *Construal* (Langacker, 1987, 1991), que recorre à dimensão imagética de proeminência, é recrutada em busca de explicações a respeito do que há por trás da alternância que o falante pode realizar ao usar “Tudo bem?” ou “Tudo bom?”. Com isso, o presente trabalho tem como hipótese que as duas saudações são pragmaticamente semelhantes, mas semanticamente diferentes, de modo que ambas colocam em proeminência aspectos distintos da cena evocada.

Os dados para o presente trabalho foram coletados no aplicativo para celular conhecido como *Tinder*, de modo que foram retomados estudos que abordam a conversação no âmbito da comunicação mediada por computador (CMC). Em especial, utilizou-se a proposta de Ferrari et al. (2019), em que se estudou a conversação ocorrida no aplicativo *WhatsApp*, à luz da Teoria da Mesclagem Conceptual (Fauconnier e Tunner, 2002). Pela semelhança em relação aos mecanismos de conversa virtual entre os dois aplicativos, os conceitos apresentados em Ferrari et al. (2019) puderam ser também aplicados ao *Tinder*.

No que diz respeito à estrutura, este trabalho conta com quatro seções. A seção 2 apresenta os pressupostos teóricos, estando dividida entre a Linguística Cognitiva (LC) e a Análise da Conversação. Na seção 3, entra-se no âmbito da CMC, que permite caracterizar o aplicativo telefônico para coleta de dados, *Tinder*. A seção 4 expõe aspectos da metodologia, tais como explicitação do objeto de estudo, banco de dados, objetivos e hipóteses. Na seção 5, é proposta a análise da diferença semântica entre “Tudo bem?” e “Tudo bom?” alinhando-se o enquadre conceptual (*construal*) estabelecido por cada saudação às características semânticas das principais respostas encontradas

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esta seção enfoca os dois principais modelos teóricos que embasaram o trabalho: a Linguística Cognitiva, detalhando-se as vertentes mais relevantes para a pesquisa, tal como apresentado em Ferrari (2011), e a Análise da Conversação, com foco na noção de “par adjacente”, com base em Levinson (1983).

1.1. LINGUÍSTICA COGNITIVA

A Linguística Cognitiva tem como uma de suas principais premissas teóricas a hipótese da não-modularidade, que prevê que processos cognitivos gerais organizam e inter-relacionam os diferentes níveis de análise linguística, tais como sintaxe, semântica, pragmática, etc. O campo, entretanto, reúne diferentes vertentes que partem dessa premissa comum, mas enfocam diferentes aspectos da relação forma-significado. Em especial, destacamos a Gramática Cognitiva (Langacker, 1987, 1991), a Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006) e Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997), cujos pressupostos se mostraram relevantes para o presente trabalho. A seguir, abordaremos cada uma dessas vertentes, enfocando noções específicas que contribuíram para a análise desenvolvida.

1.1.1. GRAMÁTICA COGNITIVA

1.1.1.1. Construals

Para o entendimento do estudo realizado no presente trabalho, será fundamental abordar a ideia de *Construal*, elaborada por Langacker (1987, 1991). O autor define a noção de *Construal* como a capacidade de estruturar o conteúdo de um domínio cognitivo de modos alternativos. Ou seja, a caracterização das predicações, ou estruturas semânticas, que se relacionam a domínios, tem uma estruturação de conteúdo que poderá se apresentar de diferentes maneiras e em diferentes níveis. Para tanto, o autor apresenta três níveis de *construals*, os quais ele chamará de *dimensões imagéticas*, sendo: especificidade; proeminência e perspectiva.

A análise aqui apresentada se vale dos níveis de proeminência e de perspectiva. Sendo assim, as próximas duas subseções darão conta de apresentar, detalhar e comentar os referidos níveis.

1.1.1.1.1. Proeminência

A começar pela dimensão imagética de proeminência, é possível defini-la como o nível que vai tratar do destaque que um termo, um objeto, uma ação, um pensamento, etc, ganha em relação a outro, dentro de um determinado domínio. Para exemplificar, observe as sentenças a seguir:

(1) João viu um animal na estrada.

(2) O animal que estava na estrada foi visto por João.

É possível observar que o falante, ao utilizar a sentença (1), coloca o termo ‘João’ como mais proeminente que ‘animal’, de modo que ele ocupe a posição de sujeito. Em (2), o falante coloca em proeminência o termo ‘animal’, que está na posição de sujeito, enquanto ‘João’ passa a ocupar uma posição sintática menos proeminente. Postas as duas sentenças, devemos observar que ambas passam a mesma mensagem, ou seja, as duas sentenças dão conta de uma mesma cena ou situação. Entretanto, a mudança ocorrida entre elas está no nível de proeminência no qual os elementos são codificados, podendo gerar significados ligeiramente distintos a partir do mesmo conteúdo conceptual.

Langacker ainda apresenta dois aspectos envolvidos com o nível de proeminência. São eles: o *Perfilamento* e a *Saliência relativa das subestruturas de uma predicação*.

Em relação ao Perfilamento, a definição dada pelo autor é a de que se trata de um tipo de construção do significado que está relacionada a um recorte conceptual de uma expressão dentro de uma base conceptual mais ampla. Antes de apresentar exemplos, o autor também destaca a necessidade de não confundir a ‘base conceptual’ com o significado de uma palavra, pois, justamente por esta base ser mais ampla, ela representará um conjunto de conhecimentos indispensáveis para se interpretar uma palavra.

Um exemplo que é apresentado é o da base conceptual ‘relações de parentesco’, a qual se referem palavras como ‘irmão’, ‘tio’, ‘pai’, etc. Cada palavra dessas possui um perfilamento ligado a diferentes aspectos de sua base conceptual, de modo que elas não têm o mesmo significado. Outro exemplo apresentado por Langacker se refere à palavra ‘hipotenusa’, que se encontra ligada ao conceito de ‘triângulo retângulo’. A palavra põe em proeminência o lado do triângulo retângulo que se opõe ao ângulo reto (figura 1, linha *c*), de modo que, a palavra ‘cateto’ será aquela na qual a proeminência estará nos lados que compõem o ângulo reto (figura 1, linha *a* e *b*).

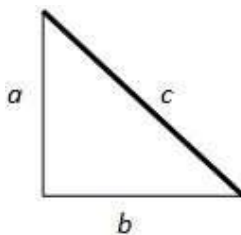


Figura 1 – Triângulo retângulo

Langacker também fala da *saliência relativa das subestruturas de uma predicação*, que é o segundo aspecto relacionado ao nível de proeminência, em que se observará a maneira como se relacionam as partes envolvidas em uma predicação e as configurações das predicações em relação a suas interferências no significado. Assim como o perfilamento, este aspecto também será entendido como um tipo de construção do significado, porém suas especificações envolverão *participantes relacionais* ou *elementos explicitamente mencionados*. Observaremos a seguir como cada parte é apresentada e observada por Langacker.

Sobre os participantes relacionais, podemos observar que se trata de um caso em que os verbos vão constituir importantes operadores da relação estabelecida. Então, o autor apresenta como exemplo o verbo *admirar*, no qual a base conceptual envolve um sujeito que dirige uma atividade mental a outro sujeito, ou objeto, atividade, etc. Assim, o verbo *admirar* perfila toda a configuração e a relação entre os elementos envolvidos. O autor também apresenta como exemplo a palavra *admirador*, em que a base conceptual será a mesma de *admirar*, porém, ao contrário do verbo, a palavra perfila somente o sujeito que admira.

Outros exemplos de verbos são apresentados para exemplificar a importância gramatical da proeminência, como é o caso do verbo *ir* nas sentenças:

(3) Eu acho que você deve *ir* agora.

(4) Quando Pedro chegou, Maria já tinha *ido*.

O autor observou que o verbo *ir* tem uma predicação relacional que perfila a relação entre uma entidade que se afasta e uma entidade que serve como ponto de referência. Assim, é pontuado que, com a passagem do tempo, a entidade que se movimenta (denominada *trajetor*), começa a se distanciar de uma posição vizinha ao ponto de referência (o qual é denominado *marco*), para uma posição final, que se situa fora daquela vizinhança. Então, o autor apresenta os esquemas a seguir, com o objetivo de mostrar que as diferentes formas do verbo *ir* em (3) e (4) perfilam aspectos diferentes de uma mesma base conceptual.

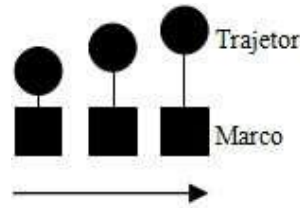


Figura 2 – representação do verbo ir (infinitivo)

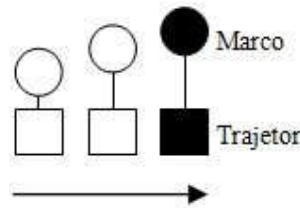


Figura 3 – representação do verbo ir (particípio)

A figura 2 corresponde à forma do verbo *ir* utilizada no exemplo (3), que apresenta o uso de infinitivo e a figura 3 corresponde ao exemplo (4), que apresenta o verbo *ir* no particípio. A partir dos esquemas apresentados acima, o autor concluiu que, na figura 2, o infinitivo coloca em proeminência todo o processo da base conceptual, ou seja, em sentenças como (3), o uso da forma ‘ir’ contém uma ação verbal que expressa continuidade, sem a necessidade de destacar a passagem de tempo entre o *trajetor* e o *marco*, pois são perfiladas todas as partes da base conceptual. Já na figura 3, o autor pontuará que o uso do particípio deixa em proeminência somente o estado final: assim, no caso do exemplo (4), sentenças com essa forma verbal destacam a conclusão da ação, pois, em ‘ido’, o perfilamento ocorre somente com a última parte de todo processo.

Outro exemplo apresentado pelo autor diz respeito às preposições e locuções prepositivas e em como elas, assim como os verbos, também podem estabelecer bases relacionais. Como exemplo, o autor apresentou duas maneiras alternativas de se estruturar linguisticamente a mesma cena, com as sentenças:

- (5) A almofada está embaixo do cachorro.
- (6) O cachorro está em cima da almofada.

O autor analisa os exemplos acima a partir das expressões *embaixo* e *em cima*, em que se destacará que ambas envolvem tanto uma orientação espacial quanto dois elementos que se encontram igualmente posicionados, em um eixo horizontal, mas, verticalmente, se encontram

em posições diferentes. Assim, o autor pontuará que a base conceitual é a mesma para as duas expressões, sem mudanças de conteúdo. Então, coloca-se em destaque o que diferencia uma expressão da outra, tendo em vista que ambas têm significados diferentes, e, para tanto, será abordada a proeminência relativa dos participantes, valendo-se dos seguintes esquemas:

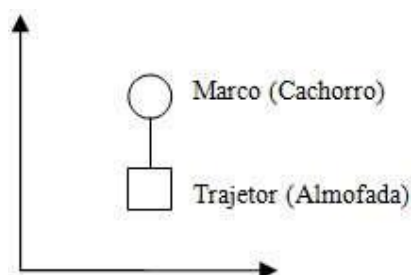


Figura 4 – Representação da sentença (5)

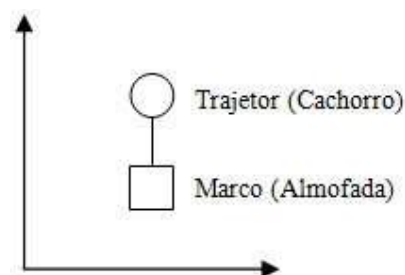


Figura 5 – Representação da sentença (6)

Nos exemplos apresentados pelo autor, (5) e (6), tanto *almofada* quanto *cachorro* são perfilados; entretanto, em (5) a almofada é o trajetor, sendo mais proeminente que o cachorro, que funciona como marco, exatamente como ilustra a figura 4. Já a figura 5 dá conta de representar o que acontece em (6), em que o cachorro está em proeminência em relação à almofada, sendo trajetor e marco, respectivamente. Por fim, o autor acrescenta que a língua em uso será responsável por produzir essas relações de proeminência, através, por exemplo, da adequação de um determinado conteúdo durante a comunicação, em que uma pergunta como “Onde está o cachorro?” teria como resposta mais provável a sentença (6), pois responderia à pergunta mais adequadamente, ainda que a informação em (5) seja a mesma.

Para finalizar a abordagem sobre as ideias de Langacker acerca da proeminência, é preciso discorrer sobre os *elementos explicitamente mencionados*, que também estão envolvidos às especificações da *saliência relativa das subestruturas de uma predicação*. Para tanto, o autor apresenta alguns pares de expressões que se contrastam, mas são de conteúdos

semânticos equivalentes, como: *triângulo e polígono de três lados*; *alcatra e carne retirada da parte traseira do boi*; *colher e utensílio culinário utilizado pela civilização ocidental moderna na alimentação, para a degustação de cremes e sopas*. Então, o autor pontua que, ainda que haja equivalência no conteúdo semântico, os pares se contrastam semanticamente, pois o segundo membro de cada par cita de forma explícita alguns componentes semânticos, pondo-os em uma proeminência maior do que a que normalmente estariam.

1.1.1.1.2. Perspectiva

Langacker (1987, 1991) inicia sua abordagem a respeito da dimensão imagética de perspectiva explicando a existência do ponto de vista (*vantage point*), que se trata de um termo técnico para designar o tipo de perspectiva adotada para a conceptualização de uma cena. O autor também acrescenta a observação de que geralmente o ponto de vista coincide com a localização do falante. Então, são apresentadas as expressões ‘na frente’ e ‘atrás’ como exemplo, de modo que o autor explica que tal par de expressões costuma ter uma interpretação que toma a localização do falante como ponto de vista implícito. A seguir, os exemplos apresentados pelo autor:

(1) A árvore está atrás da nuvem.

(2) A nuvem está na frente da árvore.

Tanto (1) quanto (2) descrevem adequadamente a mesma cena, pois as duas sentenças tomam como ponto de vista a posição da nuvem interposta entre o observador e a árvore. A diferença entre as sentenças consiste no fato da sentença (1) colocar em proeminência a árvore e a sentença (2) tem a nuvem colocada em proeminência. A seguir, uma ilustração utilizada pelo autor para exemplificar a cena:

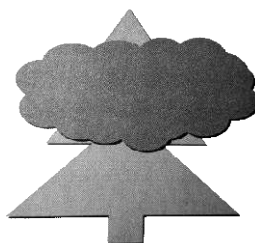


Figura 6 – Ponto de vantagem e codificação relacional de (1) e (2)

O autor vai se valer da cena apresentada pelas duas sentenças anteriores e apresentar outro exemplo que utiliza dos mesmos elementos. Observe as sentenças a seguir:

(3) A árvore está na frente da nuvem.

(4) A nuvem está atrás da árvore.

Semelhante ao caso exposto pelas sentenças (1) e (2), o autor pontua que as duas sentenças, a (3) e a (4), adotam o mesmo ponto de vista. Como exemplo, o autor apresenta a ilustração a seguir para a cena descrita pelas duas sentenças.

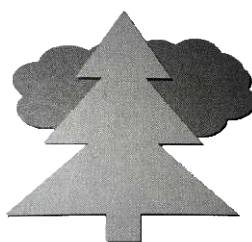


Figura 7 - Ponto de vantagem e codificação relacional de (3) e (4)

O autor, então, observa que as escolhas linguísticas não são determinadas simplesmente pelo cenário descrito, mas também pelo ponto de vista que o falante adota, ou, até mesmo o ponto de vista para o qual o falante se projeta mentalmente. Assim, mais sentenças são apresentadas pelo autor para explicar suas asserções, sendo elas:

(5) O rio desce a serra em direção àquele vale.

(6) O rio chega a este vale formando uma cachoeira.

As duas sentenças acima dão conta da descrição de uma paisagem e a observação do curso de um rio. O autor observa os dois exemplos explicando que a sentença (5) adota o ponto de vista de alguém que observa o rio a partir de um lugar alto e distante do vale. Já em (6), a perspectiva assumida é de alguém que está no vale e observa o rio. Em seguida o autor apresenta e observa mais duas sentenças, sendo elas:

(7) João comprou um carro de Maria.

(8) Maria vendeu um carro para João.

A respeito das sentenças citadas, o autor pontua que ambas descrevem o mesmo evento, porém não é possível dizer que têm o mesmo significado. Assim, em (7), o evento é explicitado sob o ponto de vista de João, enquanto, em (8), é adotado o ponto de vista de Maria. Para tornar clara a diferença, o autor apresenta um teste para se observar a intuição associada às duas sentenças, adicionando a elas a expressão “por um ótimo preço”:

(9) João comprou um carro de Maria por um ótimo preço.

(10) Maria vendeu um carro para João por um ótimo preço.

Na sentença (9), existe a inferência de que João comprou o carro por uma quantia muito abaixo do valor de mercado, enquanto a sentença (10) possui a interpretação natural de que Maria vendeu o carro por uma quantia acima desse valor. Por fim, o autor conclui que o par (7) e (9) de sentenças toma a perspectiva do comprador, enquanto as sentenças (8) e (10) têm como ponto de vista o vendedor.

Langacker (1987, 1991) conclui as observações sobre a perspectiva, bem como a apresentação de exemplos, ressaltando que, algumas vezes, o falante projeta-se para o ponto de vista adotado por outro participante. Apresenta, então, uma explicação baseada em mensagens gravadas em secretárias eletrônicas para telefones, em que geralmente são encontradas frases como “No momento não posso atender” e “Deixe seu recado”. Ao fazer esse tipo de gravação, o falante projetou-se para um ponto de vista futuro, que serviu como âncora para as expressões utilizadas. Assim, o autor resalta que a expressão ‘no momento’, ao ser utilizada na gravação, não toma como ponto de vista o momento em que o falante proferiu a sentença, mas indica o momento em que ela será ouvida pelo interlocutor.

1.1.2. GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

A Gramática de Construções é uma vertente do estudo de Linguística Cognitiva que defende a visão de que léxico e sintaxe não são módulos separados rigidamente, mas formadores de um continuum de construções, desde elementos específicos até padrões mais abstratos. As construções gramaticais, que formam essa continuidade léxico-sintaxe, são pareamentos entre forma e significado nos níveis lexical, morfológico e sintático.

Existem várias propostas relativas a construções gramaticais. Nesta seção, especialmente, citaremos como exemplo o modelo proposto por Fillmore et al. (1988) e Kay e

Fillmore (1999). Este modelo se inicia com uma avaliação que aponta a ineficiência da abordagem da gramática baseada em “palavras e regras” em dar conta das irregularidades da linguagem. Assim, os autores colocaram, como objetivo inicial, a explicação de construções irregulares, supondo que após desenvolverem os princípios explicativos das irregularidades, esses mesmos princípios seriam capazes de explicar os fenômenos regulares.

Este modelo retoma a tese de Saussure de que o signo linguístico reflete uma relação entre significante e significado, levando-se em conta que ele é centrado na noção de construção, fato que estende a tese saussuriana para construções mais complexas. Assim, o significado das construções gramaticais passa a ser visto como independente, em parte, das palavras que as constituem. Um compromisso de generalização é adotado, prevendo um conjunto de princípios comuns para explicar as unidades presentes na composição de uma língua, em que se incluem som, significado, léxico e pragmática.

Colocadas algumas ideias iniciais a respeito da Gramática de Construções, e das construções propriamente, agora trataremos de outro aspecto a respeito das construções gramaticais. Entende-se que normalmente as construções gramaticais estão relacionadas entre si, de modo que há uma integração de redes construcionais. A organização linguística desses tipos de redes ocorre em razão de alguns princípios psicológicos, entre os quais, focaremos, em especial, no *Princípio da Não Sinonímia*, proposto por Goldberg (1995). Observemos a seguir:

- Princípio da Não Sinonímia – “Se duas construções são sintaticamente distintas, tais construções devem ser também distintas semântica ou pragmaticamente.”

É possível entender o princípio citado acima a partir da explicação de Goldberg (1995) a respeito da comparação entre construções bitransitivas e dativas. Primeiro, observemos as duas frases abaixo:

(1) I sent him a package. (bitransitiva)

“?Eu enviei ele um pacote.”

(2) I sent a package to him. (dativa)

“Eu enviei um pacote para ele.”

As duas sentenças acima são sintaticamente distintas, pois, a construção bitransitiva se caracteriza por possuir dois objetos, sendo a estrutura sintática [SUJ V OBJ OBJ1]; e a construção dativa tem como estrutura sintática [SUJ V OBJ OBL], possuindo somente um objeto. Devido à distinção sintática, à luz do Princípio da Não Sinonímia, não se pode derivar a construção representada em (1) da construção (2).

Assim, Goldberg (1995), em termos pragmáticos, propõe que a construção bitransitiva descreve a cena transferencial, tomando o recipiente (ou seja, ‘ele’) como tópico (informação disponível no discurso) e o tema (ou seja, ‘o pacote’) como foco (informação nova no discurso), enquanto a construção dativa descreve a mesma cena, porém estabelecendo o inverso. Então são apresentados os seguintes exemplos:

(3) What did you send to John? I sent him a package.

“O que você enviou ao John? Eu enviei ele um pacote.”

(4) Who did you give the package to? I gave it to John.

“A quem você deu o pacote? Eu dei o pacote para John.”

O autor ressalta que a sentença (4), uma construção preposicional, muda a perspectiva e assume o tema como tópico e marca o recipiente como foco. E, em suma, pontua que os falantes reconhecem a proximidade pragmática entre as duas construções (bitransitiva e dativa) por descreverem cenas semelhantes sob perspectivas ligeiramente distintas.

Com base na proposta de Goldberg (1995), consideramos que as aberturas de conversa “Tudo bem?” e “Tudo bom?” são construções gramaticais, com pareamentos específicos de forma e significado. Como será detalhado na seção de análise, a diferença sintática entre as duas construções está associada a diferenças semânticas relacionadas à noção de Construal, detalhada na seção anterior.

1.1.3. TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS

A Teoria dos Espaços Mentais desempenha um papel de destaque entre os modelos teóricos que integram o arcabouço da Linguística Cognitiva. A importância desta teoria se dá, em parte, pelos princípios que estabelece, mas também pelos desdobramentos da teoria, tal

como, por exemplo, o modelo que trataremos de abordar a partir de agora: a Teoria da Integração (ou Mesclagem) Conceptual.

A Teoria da Integração Conceptual, de Fauconnier e Tunner (2002), por vezes referida também como Mesclagem Conceptual ou *Blending*, desenvolvida no âmbito da Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997), pode ser definida da seguinte maneira:

A integração conceptual é uma operação mental básica que leva a um novo significado, a uma visão global, e a compressões conceituais úteis para a memória e manipulação de arranjos de significado que, de outro modo, permaneceriam difusos. Ela desempenha um papel fundamental na construção de sentido na vida cotidiana, nas artes e ciências, e, especialmente, nas ciências sociais e comportamentais . (FAUCCONNIER e TUNNER, 2002, p. 57)

Colocada a definição, é possível entender que a Mesclagem conceptual é uma operação mental que estabelece projeção parcial entre dois espaços iniciais (*Input 1* e *Input 2*), permitindo uma correspondência entre elementos análogos. Essa correspondência é licenciada pelo *Espaço Genérico*, que representa a estrutura abstrata que os espaços iniciais têm comum. Por fim, existe um quarto espaço, denominado Mescla (*blend*), que reúne elementos projetados dos *Inputs*, estabelecendo uma estrutura emergente própria inexistente nos espaços iniciais. O passo a passo do processo fica da seguinte maneira:

- (i) **projeção interdomínios**: mapeamento interespacial parcial entre as contrapartes dos espaços mentais de entrada (*Inputs*) 1 e 2;
- (ii) **esquema genérico**: espaço que reflete o que as entradas (*Inputs*) têm em comum, é mapeado por cada uma das entradas;
- (iii) **mescla**: quarto espaço mental, no qual os *Inputs* são projetados parcialmente. Podem ser projetados elementos que eram contrapartes ou não; entidades dos *Inputs* podem ser fundidos em um só elemento na mescla, ou ser projetados separadamente;
- (iv) **estrutura emergente**: estrutura própria estabelecida pela mescla, não existente nos espaços iniciais.

Para estabelecer um entendimento de como o processo de mesclagem conceptual pode acontecer linguisticamente, observemos, como exemplo, a expressão “Vírus de computador”, discutida por Fauconnier (1997). No caso desta expressão, o *Input 1* corresponde ao domínio da saúde, incluindo elementos como sistema biológico, organismos como o vírus, doenças provocadas por esses vírus, etc. O *Input 2* corresponde ao domínio da informática, contendo

elementos como computadores, programas nocivos, problemas causados por esses programas, etc. Os *Inputs* 1 e 2 estabelecem uma analogia sustentada pelo Espaço Genérico que inclui abstratamente as noções de sistema, ameaça e dano. Vejamos a seguir:

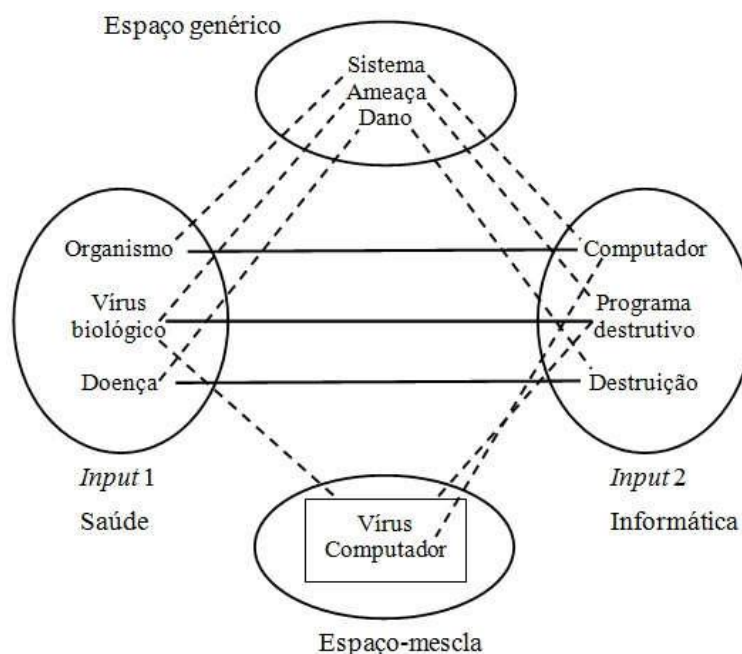


Figura 8 – Mesclagem conceitual referente a ‘Vírus de computador’

Na mescla, as contrapartes “vírus biológico” e “programa destrutivo” vão se projetar e se fundir em uma terceira noção que incorpora as duas primeiras e vai além delas. Neste domínio criado, o termo “vírus”, recobre uma categoria que possui tanto organismos biológicos quanto programas destrutivos. Os elementos, então, passam a ser concebidos como a “mesma coisa”, e não apenas como contrapartes analógicas ou instâncias específicas de um esquema abstrato.

É preciso mencionar, ainda, que o processo de Mesclagem Conceptual pode envolver mais de dois Inputs. De maneira geral, o processo e as etapas envolvidas para a mesclagem permanecem os mesmos; o diferencial está no espaço de mapeamento interestencial dos Inputs, que vai envolver mais de duas contrapartes. Para exemplificar, observemos, primeiro, o trecho a seguir:

(1) “[...] os atores profissionais da indústria de saúde assustaram os americanos tão fortemente que eles estão dispostos a aceitar qualquer coisa, para não continuar sendo figurantes em um melodrama médico que parece um interminável filme do Drácula.” (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p. 279-298)

O trecho apresentado foi usado pelos autores e foi retirado de um texto jornalístico, que falava sobre a reforma do sistema de saúde americano proposta pelo ex-presidente Bill Clinton. Observaremos uma esquematização do processo de Mesclagem conceptual de (1).

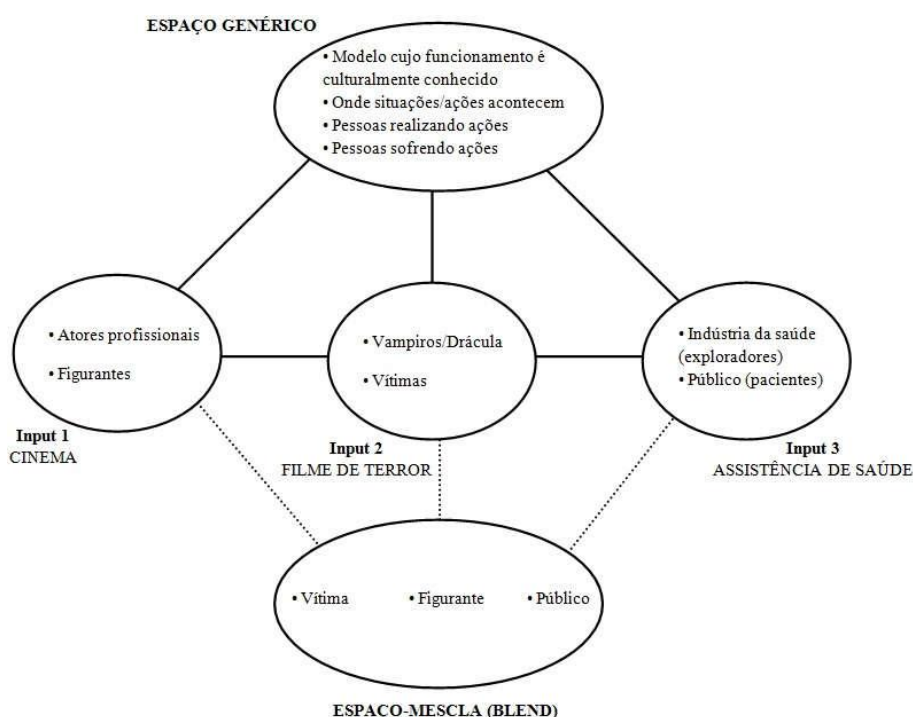


Figura 9 – Representação da rede de integração de (1)

Como pode se observar na figura 9, os três espaços são seletivamente projetados para o espaço-mescla, de modo que os participantes do evento descrito em (1) herdaram características dos três Inputs. Na mescla que acontece em (1), representada na figura 9, os americanos que foram assustados tornam-se, ao mesmo tempo, ‘vítima’, ‘figurante’ e ‘Público (pacientes)’.

Em suma, o exemplo (1), representado na figura 9, mostra um processo de mesclagem conceptual com três espaços de entrada. O texto jornalístico do qual (1) foi retirado vai se valer de características muito populares no âmbito cultural (os inputs 1 e 2) para, então, estabelecer uma linha de reflexão a respeito do sistema de saúde americano (input 3).

Com base no que foi apresentado nesta seção, estabeleceremos uma análise para a conversação que ocorre dentro do aplicativo Tinder. O entendimento a ser postulado é que o referido aplicativo ativa um processo de Mesclagem Conceptual envolvendo os inputs de FALA, ESCRITA e IMAGEM, e estrutura emergente ativada na mescla é de que a comunicação escrita e imagética realizada é concebida como interação face-a-face. Tal análise a ser feita está de acordo com a realizada por Ferrari et al. (2019), que utilizaram a Teoria da Mesclagem Conceptual para estudar os mecanismos conversacionais do aplicativo *WhatsApp*. Essa pesquisa será detalhada mais adiante, na seção referente à Comunicação Mediada por Computador (CMC).

1.2. ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

Nesta seção, enfocam-se, especialmente, os estudos em Análise da Conversação (Levinson, 1983). Tais estudos se encontram em uma seleção de trabalhos que funciona como uma introdução à Pragmática, fato que evidencia a observação e a pesquisa a respeito da conversação como um meio importante para o entendimento da língua em uso. Posto isso, os estudos apresentados por Levinson (1983) apresentam o sistema conversacional, bem como suas complexidades, aspectos essenciais e mecanismos. O destaque a ser dado é a um dos mecanismos presentes nesse sistema conversacional: os *pares adjacentes*.

1.2.1. Pares Adjacentes

Um modo mais geral de se conceptualizar os *pares adjacentes* é a ideia de que são pares de sentenças prototípicas com alguma relação de sentido correspondente, tal como pergunta-resposta, saudação-saudação, oferta-aceitação/rejeição, etc. Levinson (1983) as divide como ‘primeiro par’ e ‘segundo par’, de modo que, por vezes, estarão condicionadas a uma situação de adjacência. Assim, o aspecto “adjacente” desses pares se dá porque a realização do ‘primeiro par’ por parte de um falante atual convocará o falante seguinte a realizar o ‘segundo par’.

Não é posto pelo autor uma adjacência exata entre os pares durante uma conversação, pois o mesmo destaca os casos em que ocorrem exceções. Por exemplo, em alguns pares, há a relação pergunta-resposta e oferta-aceitação/rejeição, em que o ‘primeiro par’ (a pergunta, ou oferta), realizado pelo falante atual, não obtém como resposta, pelo falante seguinte, o ‘segundo par’ esperado (a resposta ou aceitação/rejeição), mas a inserção de outros pares adjacentes, ou, também, a ausência total desse ‘segundo par’. Para o primeiro caso mencionado, dá-se o nome de “sequência de inserção”, pois, mesmo se a segunda parte não vier imediatamente, haverá na estrutura da conversa a condição de “aguardar” essa parte. Nos casos de ausência do ‘segundo par’, os falantes inferem uma adequação na conversa para “compensar” a falha.

Levinson (1983), após falar sobre as exceções na relação de adjacência dos pares, traz uma informação que será essencial no presente trabalho. O autor comenta que a adjacência tenderá a se manter em pares do tipo saudação-saudação. Ou seja, neste tipo de par há uma possibilidade ínfima de haver uma sequência de inserção ou ausência do segundo par. O autor não se aprofunda nesta ideia, porém é possível imaginar que estes pares possuam esse

comportamento por serem tipicamente introdutórios de uma conversação, de modo que funcionem como uma porta de entrada para o funcionamento do sistema conversacional.

A informação sobre como se comporta a adjacência dos pares do tipo saudação-saudação é essencial para este trabalho pelo seguinte motivo: as formas que estão em estudo, ou seja, ‘Tudo bom?’ e ‘Tudo bem?’, compõem dentro da conversação um ‘primeiro par’ de uma saudação. Assim, as análises tomadas posteriormente se basearão nos pares compostos por cada forma. Como segue o exemplo ilustrado a seguir:

(S ₁) A: Tudo bem?	(S ₁) A: Tudo bom?
(SR ₁) B: Tudo sim, e contigo?	(SR ₁) B: Tudo sim, e com você?

Legenda: ‘A’ e ‘B’ são o ‘Falante atual’ e o ‘Falante seguinte’, respectivamente. “S₁” é o primeiro par da saudação e “SR₁” é a saudação resposta, o segundo par.

Figura 10 – Pares adjacentes do tipo ‘saudação-saudação’

Vale dizer também que as formas em estudo (‘Tudo bem?’ e ‘Tudo bom?’) têm uma formação semelhante aos pares adjacentes do tipo pergunta-resposta, pois, de fato, ambos têm a forma de pergunta no primeiro par. Porém, no que diz respeito a seus funcionamentos, são pares do tipo saudação-saudação, pois se comportam na conversação como elementos de saudação, encabeçando uma conversa.

Os mecanismos apontados por Levinson são, por vezes, lembrados como mecanismos de funcionamento óbvio. Ao destacar esta obviedade, o autor se refere à sutileza de alguns aspectos da conversação, que o falante mal percebe ou nos quais presta pouca atenção. Porém, com base em uma série de pesquisas sobre a estrutura da conversação, o autor ressalta que a conversação possui um sistema que a rege e, principalmente, através da aproximação analítica, mostra que existe uma lógica de funcionamento nos mecanismos conversacionais.

Por fim, vale ressaltar que o sistema conversacional é capaz de manter o funcionamento de seus mecanismos tanto em conversas frente a frente, quanto em conversas sem o recurso visual (como o telefone). Amparando-se a isso, este trabalho utilizará a leitura realizada por Levinson (1983) sobre os mecanismos da conversação para abordar interações do âmbito da comunicação mediada por computador (CMC).

2. COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR

A Comunicação Mediada por Computador (CMC) é a comunicação humana que depende de formatos mediados por computador, como e-mail, sala de bate-papo, *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e outros aplicativos de telefone. Nesta seção trataremos de abordar estudos a respeito da CMC; em especial, a comunicação estabelecida nos aplicativos *WhatsApp* e *Tinder*. Para tanto, vai se recorrer à abordagem de Ferrari et al. (2019), que estuda o funcionamento do aplicativo *WhatsApp* e sua relação com a comunicação humana. Após estudar as ideias referentes ao *WhatsApp*, se estabelecerá uma relação entre esse último aplicativo e o *Tinder*, pois ambos têm em comum uma série de funções e recursos.

2.1. WHATSAPP

Ferrari et al. (2019) partem da hipótese de que o aplicativo *WhatsApp* é responsável por ativar um processo de mesclagem multimodal múltipla envolvendo espaços de FALA, ESCRITA e IMAGEM. A abordagem dos autores adota a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e a Teoria da Mesclagem Conceptual (Fauconnier e Tunner 2002).

Ferrari et al. (2019) relacionam à Teoria da Mesclagem Conceptual o conceito de âncora material, o qual é identificado como um *insight* dentro da teoria. Trazendo os conceitos de Hutchins (2005), é explicado que existe um tipo de mesclagem conceptual que empregará objetos como uma âncora material. Tal ancoragem material faz parte da cultura material e envolve, por exemplo, diversos objetos, sejam instrumentos de medida, como relógio de pulso, relógio de sol, barômetro, termômetros, compassos, etc, ou até mesmo objetos de forte significância social, igual ao dinheiro, túmulos, catedrais, a escrita e a fala.

Os autores recorrem a um exemplo que utiliza a escrita para explicar o conceito de âncora material. Começa-se por destacar que marcas físicas em uma folha de papel não têm significado por si próprias, pois é necessário, para haver compreensão, associar algo escrito a sistemas conceptuais e linguísticos que estejam culturalmente sustentados. Ademais, a fala é a responsável pela composição da escrita acontecer por meio de palavras. Então, serão abordadas as categorias escritas “garoto, **garoto**, GAROTO, *garoto*”, as quais podem se relacionar às categorias sonoras que representam diferentes modos de se pronunciar a palavra “garoto” (os diferentes sotaques, um sussurro, etc). Assim, segundo os autores, as categorias escritas para uma palavra, como em uma folha de papel ou tela de computador, por exemplo, constituem um espaço de entrada, enquanto as diferentes maneiras de se pronunciar uma

palavra constituem outro espaço de entrada, de modo que a mescla se forma a partir da fusão das marcas da escrita com as marcas da fala.

Ferrari et al. (2019) associam, ainda, a noção de âncora material à ideia de Integração Experiencial, originalmente elaborada por Auchlin (2013). Os autores explicam que a Integração Experiencial é um tipo específico de Mesclagem Conceptual em que a âncora material da mescla é a experientiação sensório-motora interna das propriedades materiais do enunciado. Os autores pontuam que este tipo de integração ocorre com dois espaços de entrada substancialmente distintos, pertencentes a dois níveis diferentes da integração. Sendo esses dois níveis, segundo os autores, o da percepção e o da concepção.

Como exemplo de Integração Experiencial, é relatada uma propaganda que continha a expressão “orçamento muito apertado” sendo produzida com uma tensão faríngea. Então, os autores explicam que a expressão linguística e a qualidade vocal se integram à mescla experiencial de se sentir estrangulado pelo caráter “apertado” do orçamento; assim fica possível uma ancoragem na experiência real do ouvinte.

A partir dos conceitos apresentados anteriormente, Ferrari et al. (2019) vão dar conta de analisar o aplicativo para troca de mensagens, *WhatsApp*. Sendo posto, então, pelos autores que o *WhatsApp* promove um processo de Integração Experiencial, de caráter múltiplo e multimodal, que envolve os espaços de entrada de FALA, ESCRITA e IMAGEM. Desta maneira, os autores desenvolverão a ideia de que o espaço referente à FALA pode ser mapeado para o espaço da ESCRITA, como também pode ser mapeado para o espaço referente à IMAGEM.

No que se refere à interação entre o espaço referente à FALA e o espaço da ESCRITA, os autores pontuam que há no aplicativo *WhatsApp* uma Integração Conceptual entre ambos espaços. Assim, as mensagens do aplicativo vão se valer da modalidade escrita, mas serão concebidas, na prática, como conversa face-a-face, simulando mecanismos da conversação.

Segundo os autores, no caso do mapeamento do espaço da FALA para o espaço da IMAGEM, é preciso ter em mente que as pessoas que interagem no aplicativo não se encontram em um contexto canônico, como a interação face-a-face, por isso eles utilizarão recursos de imagens, como os emojis, que são símbolos gráficos ou ideogramas, que representam não apenas expressões faciais, mas também conceitos e ideias, além de emoções, sentimentos e atitudes do falante (Walther e D’Addario, 2001; Novak et al., 2015 apud Ferrari

et al., 2019). Os emojis em uma conversa via *WhatsApp* dão conta de sinalizar marcações prosódicas da fala, gestos, expressões faciais, emoções e atitudes que, de acordo com a conclusão dos autores, em um contexto face-a-face, corresponderia ao papel sociointeracional desempenhado pelo corpo.

Ferrari et al. (2019) pontuam que a combinação seletiva dos elementos dos três espaços de entrada ('fala', 'escrita', 'imagem') evidencia o surgimento de uma estrutura emergente que é típica da conversação face-a-face, do ponto de vista verbal, e, também, é típica da interação face-a-face, do ponto de vista multimodal, que possui recursos entonacionais e recursos relativos às expressões faciais. Assim, os autores concluem que esta estrutura emergente passa o entendimento de que a escrita simula a fala e as figuras retratadas por meio de emojis simulam a atuação do corpo como âncora material veiculadora de atitudes e emoções dos interlocutores. A seguir segue um diagrama ilustrando a Integração Experiencial e Múltipla do aplicativo *WhatsApp*.

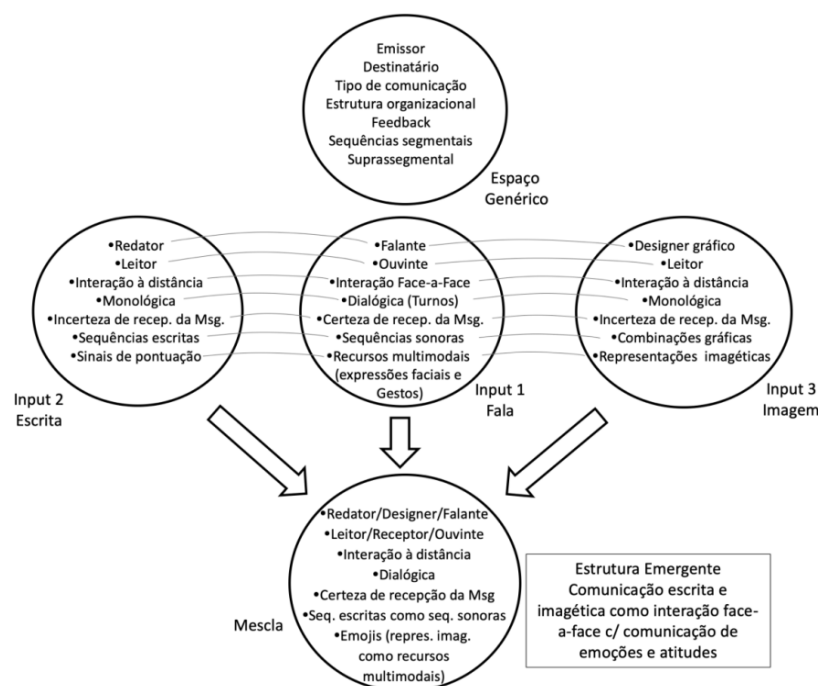


Figura 11 – Integração Experiencial e Múltipla promovida pelo WhatsApp (FONTE: Ferrari et al., 2019, p. 09.)

Com base nas informações expostas na Figura 11, Ferrari et al. (2019) concluem sua análise sobre o processo de Integração envolvido ao aplicativo *WhatsApp*. Um dos pontos importantes diz respeito ao espaço-mescla, em que o processo de mesclagem dos elementos contidos nos três Inputs, retratados na Figura 11, ocorre de modo seletivo, ou seja, a

mesclagem não envolverá necessariamente todos os elementos dos três Inputs. Os autores concluem que a estrutura emergente ativada na mescla é de que a comunicação escrita e imagética realizada via *WhatsApp* é concebida como interação face-a-face multimodal, de modo que este seria o motivo pelo qual há um incômodo por parte dos usuários quando suas mensagens são visualizadas pelo destinatário, mas não respondidas.

Por fim, os autores alertam que embora o processo de mesclagem múltipla, apresentado na Figura 11, seja voltado para mensagens de texto e imagens do tipo *emojis*, outras modalidades podem fazer parte do aplicativo (tal como GIF, vídeo, áudio, etc.), de modo que o processo pode ser semelhante, porém com diferenças quanto aos tipos de Inputs envolvidos na mescla.

2.2. TINDER

Esta seção aborda o aplicativo *Tinder* no que se refere a seus objetivos e funções no âmbito da CMC, estabelecendo, portanto, um pequeno paralelo com a análise elaborada por Ferrari et al. (2019) a respeito do *WhatsApp*. Devido ao fato do *Tinder* ter sido nossa fonte para coleta de dados, faz-se necessário dedicar um espaço para falar de suas características funcionais, em relação aos seus mecanismos conversacionais, e experienciais, em relação à conversação dentro do aplicativo. Assim, a qualidade das observações feitas sobre a comunicação via *Tinder* são semelhantes às elaboradas por Ferrari et al. (2019) sobre o *WhatsApp*.

O *Tinder* é um aplicativo que tem por objetivo possibilitar que pessoas se conheçam e possui duas funções distintas, sendo a primeira delas o modo como as pessoas têm acesso umas às outras. Em seu primeiro acesso, o usuário será solicitado a criar um perfil, dispondo facultativamente de informações pessoais e fotos. Assim, após a criação de seu perfil, ele terá acesso a perfis de outros usuários. Estes perfis se dispõem na interface do aplicativo em forma de “cartões”, que são figuras retangulares contendo a foto, o nome, a idade e a distância do usuário, logo abaixo dos cartões há, do lado esquerdo, uma figura contendo uma letra ‘X’ e, do lado direito, há uma figura com um coração. Os cartões funcionam como uma amostra do perfil de uma pessoa, pois, dependendo do interesse do usuário, é possível ter acesso às suas informações completas através de um toque no espaço da interface que corresponde ao cartão. Então, o usuário que controla o perfil fará uma escolha a respeito dos cartões a sua disposição, em que o ato de tocar no sinal referente ao ‘X’ corresponde a uma negativa ao outro perfil, ou seja, o usuário demonstra desinteresse em contatar aquele perfil, enquanto o ato de tocar no sinal referente a um coração corresponde exatamente ao oposto.

O processo descrito no parágrafo anterior é comum a todos os usuários do aplicativo *Tinder*, sendo necessário frisar que os critérios de perfis que aparecem para o usuário são definidos pelo mesmo, tal como distância, gênero, idade, etc. Se há uma correspondência positiva entre os usuários, ou seja, quando ambos os usuários, em meio ao processo de visualização de outros perfis, se marcam mutuamente com o sinal referente a um coração, há um processo no aplicativo que se chama ‘combinação’ (do inglês, ‘*Match*’). Assim, a partir da ‘combinação’, os usuários podem conversar, através de mensagens de texto, sendo esta a segunda função que possui o *Tinder*.

A troca de mensagens que ocorre no aplicativo *Tinder* é o que vai interessar a este presente trabalho, pois é dele que os dados coletados se originaram. A função de troca de mensagens é também a parte final do aplicativo, no que diz respeito às experiências oferecidas, pois todo o processo descrito nos parágrafos anteriores acontece para terminar nesta etapa, em que os dois usuários, em condição recíproca de interesse, conversam.

Estabelecendo um paralelo com o aplicativo *WhatsApp*, se mencionam as semelhanças e diferenças entre ambos os aplicativos, nos parágrafos a seguir, no que diz respeito à experiência de conversação e aos mecanismos oferecidos.

A primeira semelhança a ser destacada é que o *Tinder* é munido de um sistema gráfico que existe também no *WhatsApp*, ou seja, a comunicação entre os usuários é igual, os dois têm as mesmas possibilidades e recursos, de modo que a conversação mantém a lógica de troca de mensagens na qual uma pessoa A envia uma mensagem e uma pessoa B envia outra, sendo, então, respondida pela pessoa A e, assim, sucessivamente. Também é comum aos dois aplicativos a possibilidade de trocar elementos visuais que são conhecidos como os *emojis*. Pode-se, também, mencionar que existe na interface de ambos os aplicativos efeitos visuais que indicam se a mensagem foi enviada e se a outra pessoa está digitando uma mensagem.

É preciso pontuar agora algumas diferenças entre os mecanismos de conversação do *Tinder* e do *WhatsApp*. A maior diferença entre eles diz respeito às limitações, pois enquanto o *WhatsApp* oferece ferramentas que possibilitam a conversação por meio escrito, por mensagens de voz e vídeos, o *Tinder* só possui conversação por via escrita. O aplicativo *Tinder* também oferece uma ferramenta que possibilita que um usuário demonstre apreço pela mensagem do outro através de uma “curtida”, que consiste em uma sinalização em forma de coração que acende quando o usuário toca rapidamente duas vezes em uma mensagem. Tal

ferramenta também serve para os usuários confirmarem a leitura da mensagem, além de ser um modo de chamar a atenção do outro perfil, garantindo uma resposta mais imediata.

Postas as devidas relações, nos parágrafos anteriores, é possível pontuar as ideias que dizem respeito à correspondência entre o aplicativo *Tinder* e o estudo elaborado por Ferrari et al. (2019) com base no aplicativo *WhatsApp*, abordado e detalhado na seção anterior (3.1).

Ao observar o conjunto de semelhanças existentes entre o *WhatsApp* e o *Tinder*, e mesmo diante das diferenças, é possível afirmar que ambos têm um sistema semelhante de mecanismos para CMC. Ou seja, em linhas gerais, algumas análises aplicadas ao aplicativo *WhatsApp* podem valer para o *Tinder*, devido à semelhança de suas funções conversacionais por mensagens de texto. Diante de tais ideias, recorre-se a Ferrari et al. (2019), em que as hipóteses postuladas são de que o aplicativo *WhatsApp* promove um processo de Integração Experiencial envolvendo os espaços de FALA, ESCRITA e IMAGEM e, também, de que este processo de Integração ativa a estrutura emergente na qual a comunicação escrita e imagética realizada via *WhatsApp* é concebida como interação face-a-face. Aplicaremos, então, as hipóteses dos autores em estudo ao modo de conversação existente no aplicativo *Tinder*.

Considerando o que foi representado na Figura 11 estabelece-se o paralelo entre as ideias retratadas pelos autores e o *Tinder*. De modo que, é possível observar no *Tinder* tanto um processo de Integração Experiencial entre os espaços de ‘fala’, ‘escrita’ e ‘imagem’, quanto uma mescla que ativa uma estrutura emergente de que a comunicação escrita e imagética realizada via *Tinder* é concebida como interação face-a-face. Reforçando a consonância entre as ideias aqui apresentadas e as hipóteses apresentadas por Ferrari et al. (2019), é preciso ressaltar que o trabalho dos autores analisou o *WhatsApp* em relação às conversas textuais, e devido ao *Tinder* não apresentar outros meios de conversação senão os por via escrita, firma-se, portanto, a aplicabilidade do processo de Integração Experiencial apresentado.

Vale ressaltar que as características mencionadas a respeito do *Tinder* são passíveis de mudanças, tendo em vista que o aplicativo está submetido a constantes atualizações por seus desenvolvedores, de modo que, as características mencionadas nesta seção são concomitantes às versões do aplicativo que foram disponibilizadas enquanto o presente trabalho foi realizado. Porém, acredita-se que por mais que mecanismos e praticidades sejam adicionados ao aplicativo, o modo como a simulação de conversação por meio escrito ocorre não sofrerá alterações quanto ao processo de Integração Experiencial.

Por fim, vale notar que a coleta dos dados para o presente trabalho ocorreu no *Tinder* por dois motivos específicos: primeiro, por ele estar envolvido a um complexo processo de Integração, cuja estrutura emergente envolve a simulação de uma conversão espontânea, conforme mencionado nos parágrafos anteriores; segundo, pelo aplicativo conter um caráter de ‘primeiro contato’, no qual é presumível que os usuários que interagem via *Tinder* não sejam conhecidos, ou íntimos, no momento em que iniciam conversa. Este segundo motivo se apresenta muito válido ao se ter em vista que a proposta do trabalho visa observar os pares adjacentes de abertura de conversa “Tudo bem?” e “Tudo bom?”, que são elementos quase imprescindíveis em contextos de primeiro contato. Ademais, é preciso concluir que o *Tinder*, apesar de se objetivar como um aplicativo que visa estabelecer o contato entre pessoas, deixa em aberto os tipos de relações que podem ser construídas a partir do uso do aplicativo. Esse fato faz com que ele seja utilizado tanto para busca de amizades quanto para interações românticas.

3. METODOLOGIA

Nesta seção, os procedimentos metodológicos da pesquisa são apresentados, incluindo-se a delimitação do objeto de estudo, a caracterização do banco de dados e a definição dos objetivos e hipóteses.

3.1. OBJETO DE ESTUDO

O presente trabalho propõe-se a analisar os pares adjacentes formados com as perguntas “Tudo bom?” e “Tudo bem?”, no contexto de abertura de conversa. Tal análise coloca em observação a alternância entre os pares adjacentes construídos tanto por “Tudo bom?” quanto por “Tudo bem?”, tendo como base a noção de *Construal* (Langancker, 1987,1991), em que, especificamente, serão tratadas as dimensões imagéticas de proeminência e perspectiva. Ao colocar em prática a análise do presente trabalho, buscaram-se encontrar generalizações nos pares adjacentes que o banco de dados apresentou, de modo que, a partir da comparação, foi possível qualificá-los.

Conforme apresentado em 1.2.1, o par adjacente leva em consideração tanto a pergunta quanto a resposta, dentro de uma interação conversacional com dois ou mais participantes. Tal noção precisa ser destacada para que haja uma melhor compreensão a respeito da abordagem aplicada aos dados recolhidos para o presente trabalho. Assim, se observou a relação entre ‘saudação’ (S_1) e ‘saudação resposta’ (SR_1) que se apresentou nas ocorrências para “Tudo bom?” e “Tudo bem?”.

A alternância que se busca analisar no presente trabalho está na relação das ocorrências de SR_1 , como apresentado na Figura 10, para as duas S_1 em estudo (“Tudo bem?” e “Tudo bom?”). Ao comparar o conjunto de SR_1 que se apresentou tanto para a S_1 “Tudo bem?” quanto para a S_1 “Tudo bom?”, houve uma quantificação desses dados, separando-os e destacando-os em relação à frequência das ocorrências de cada SR_1 para cada uma das S_1 em estudo.

Ao fazer a análise dos dados, houve um destaque para a construção gramatical que compunha a SR_1 , ou a saudação resposta, para as duas saudações em estudo. Listaram-se as diferentes construções gramaticais encontradas, separando-as entre as duas saudações, conforme a origem da ocorrência. Neste apanhado de construções gramaticais retiradas entre os duzentos dados de cada saudação, somaram-se as ocorrências similares e, então, avaliaram-

se quais construções foram mais frequentes entre ambas as saudações, bem como quais construções apareceram mais para “Tudo bem?” e menos para “Tudo bom?”, e vice-versa.

A próxima subseção destacará com mais detalhes o banco de dados utilizado para o presente trabalho, de modo que serão tratadas questões como a origem dos dados, o modo como eles foram coletados, a quantidade de dados coletados, etc.

3.2. BANCO DE DADOS

Os dados utilizados para realização do presente trabalho foram retirados do aplicativo *Tinder*, como já havia sido mencionado em seções anteriores. Como as duas formas em estudo, as perguntas “Tudo bem?” e “Tudo bom?”, são partes de pares adjacentes do tipo “saudação-saudação”, ou seja, são utilizadas quando dois indivíduos se saúdam, foi essencial para o presente trabalho recorrer a uma fonte na qual o contexto de abertura de conversa fosse mais frequente. Desta maneira, o aplicativo *Tinder* foi escolhido, pois é fácil observar nele o contexto de abertura de conversa.

Resguardando os usuários que participaram da coleta de dados de qualquer exposição em relação às informações pessoais ou de imagem, a coleta só tratou da parte textual que dizia respeito às saudações sendo abordadas. Os interactantes forneceram ao estudo recortes de tela, chamados comumente de “*print screen*”, somente com a parte das conversas que apresentavam o par adjacente com a S1 “Tudo bem?” ou a S1 “Tudo bom?”. Foram coletados duzentos dados para cada uma das duas saudações em estudo, de modo que foi possível analisar a qualidade dos dados de forma mais equilibrada.

3.3. OBJETIVOS E HIPÓTESES

Com base no Princípio de Não-Sinonímia (Goldberg, 1995), os objetivos estabelecidos para o presente trabalho são os seguintes:

- (i) Explicitar a diferença de significado entre ‘Tudo bem?’ e ‘Tudo bom?’, em contexto de abertura de conversa, à luz da semântica cognitiva.
- (ii) Determinar se os tipos de construções que ocorrem na saudação-resposta são compatíveis com a diferença de significado estabelecida por ‘Tudo bem?’ e ‘Tudo bom?’.

A hipótese trabalhada parte da ideia de *Construal* (Langacker, 1987, 1991), com ênfase, em especial, às dimensões imagéticas de proeminência e perspectiva para, então, observar o

comportamento das saudações ‘Tudo bom?’ e ‘Tudo bem?’. Defende-se a ideia de que as duas saudações são pragmaticamente semelhantes, mas semanticamente diferentes, de modo que toda composição imagética entre elas seja igual, porém ambas colocam em proeminência aspectos distintos. Observemos as duas figuras a seguir:

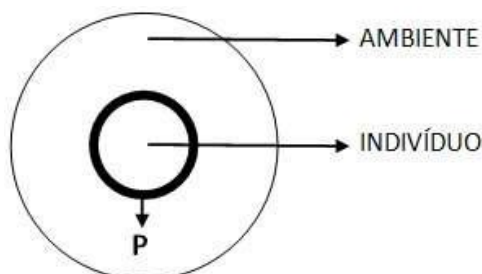


Figura 12 – Dimensão imagética de proeminência para “Tudo bem?”

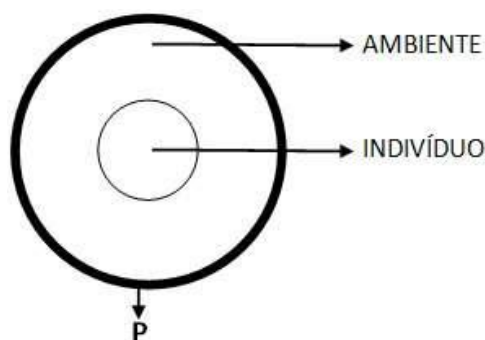


Figura 13 – Dimensão imagética de proeminência para “Tudo bom?”

As figuras apresentadas acima ilustram a diferenciação proposta para o presente trabalho em relação às saudações ‘Tudo bem?’ e ‘Tudo bom?’. Tanto na figura 12 quanto na figura 13 tem um círculo referente ao ‘Ambiente’, um círculo referente ao ‘Indivíduo’ e uma marcação com a letra ‘P’ indicando a proeminência para cada um dos casos. O ‘Ambiente’ referido nos dois esquemas apresentados acima diz respeito ao espaço físico e/ou temporal em que uma pessoa está inserida. Eventos cotidianos, aspectos de uma rotina e o fluxo de acontecimentos em um determinado período de tempo são as características que definem o âmbito do ‘Ambiente’, representado nas duas figuras pelo círculo maior. O círculo menor, referido como ‘Indivíduo’, dá conta de representar uma pessoa e suas características internas. De modo que emoções, sentimentos, pensamentos, o humor de uma pessoa e todo aspecto

intrínseco e psicológico, estável ou não, podem ser englobados ao âmbito do ‘indivíduo’ representado nas duas figuras.

A diferença, portanto, fica entregue à proeminência aplicada em cada caso. É preciso dizer, aliás, que ambos os círculos são interactantes, e não partes independentes, por isso se apresentam nas figuras 12 e 13 de forma encaixada. Assim, o âmbito do ‘Indivíduo’ tem sua interação dependente do âmbito do ‘Ambiente’, como, por exemplo, um acontecimento no dia de uma pessoa que vai desencadear seus sentimentos, emoções e lembranças. Assim, ao analisar a dimensão imagética de proeminência para as saudações ‘Tudo bem?’ e ‘Tudo bom?’ se observará qual âmbito é o mais proeminente, dentro da relação entre indivíduo e ambiente.

Como apresentado na figura 12, a saudação ‘Tudo bem?’ põe em proeminência o indivíduo, ou seja, a pessoa, em relação ao seu ambiente, enquanto que, já observando a figura 13, a saudação ‘Tudo bom?’ põe em proeminência o ambiente no qual o indivíduo está inserido. Assim, no momento que a conversa é aberta, o emissor, ao escolher entre uma das duas saudações, vai receber de seu receptor uma informação que pode apresentar uma perspectiva pessoal, do indivíduo em relação ao ambiente, ou uma perspectiva externa, do ambiente em relação ao indivíduo.

Especificando melhor o que a mudança de proeminência representa para ambas as saudações, é possível observá-las da seguinte maneira: ‘Tudo bem?’ é uma S1 que questiona o interlocutor em busca de uma informação que explique as condições sentimentais, psicológicas e emocionais que aquela pessoa se encontra. ‘Tudo bom?’ é uma S1 que faz um questionamento a respeito do ambiente do interlocutor e de como os acontecimentos e eventos desse ambiente, que pode ser de um prazo de tempo variável, estão em relação a essa pessoa com quem se conversa.

Na próxima seção se inicia a análise dos dados, bem como a verificação de todos os aspectos até aqui comentados.

4. ANÁLISE

Conforme já mencionado, a análise dos dados aqui realizada consistiu em observar quais construções gramaticais foram utilizadas como resposta para as perguntas em estudo, 'tudo bem?' e 'tudo bom?'. A partir de uma análise inicial, um aspecto observado foi em relação aos elementos presentes ao final das construções-resposta, nos quais identificamos quatro grupos específicos, sendo eles: construções-resposta com o elemento “aí”, construções-resposta com o elemento “com você”, construções-resposta com o elemento “contigo”, e construções-resposta com o elemento “e você”.

Identificar os quatro tipos de construções-resposta mencionados, e realizar um balanceamento sobre a frequência de cada tipo de construção, apresentou indícios que nortearam a busca por explicações para a diferença entre as saudações em estudo. A seguir, acompanharemos cada tipo de construção-resposta, em relação a especificações, exemplos e frequência de cada uma entre as saudações “tudo bem?” e “tudo bom?”. No que se refere a frequência de cada uma, primeiro apresentaremos a construção-resposta com mais discrepância entre as frequências dos tipos de respostas para as duas saudações, depois partiremos para aquelas que possuem uma diferença menor entre as frequências.

O primeiro tipo de construção a ser apresentado apresenta um comportamento com discrepâncias significativas. Este caso é o das construções que apresentam o advérbio ‘aí’ nas SR1 utilizadas para as saudações ‘Tudo bem?’ e ‘Tudo bom?’. Este tipo de construção apresentou o advérbio de duas maneiras: sozinho, como em “[...] e aí?”, e através da locução adverbial ‘por aí’. Observe abaixo os números encontrados para esse caso de construções com o elemento locativo ‘aí’.

Ocorrências para ‘Tudo bem?’	Ocorrências para ‘Tudo bom?’
$\frac{05}{28}$ 17%	$\frac{23}{28}$ 83%
Exemplos: SI: Tudo bem? SR1: Tudo ótimo, e aí? Ou SI: Tudo bem? SR1: Tudo ótimo, e por aí?	Exemplos: SI: Tudo bom? SR1: Tudo ótimo, e aí? Ou SI: Tudo bom? SR1: Tudo ótimo, e por aí?

Figura 14 – Construções com o elemento ‘aí’

Como é possível observar, na figura 14, o caso de construções que apresentam o elemento locativo ‘aí’ é mais frequente como SR1 para a saudação ‘Tudo bom?’. O

comportamento desta construção foi significativo para o presente trabalho, pois ele aponta uma tendência de que o elemento locativo ‘aí’ seja mais frequente como resposta para a saudação ‘Tudo bom?’.

A explicação para tal tendência encontrada para as construções com o ‘aí’ está na própria hipótese desencadeadora do presente estudo. Como já foi explicitado antes, na figura 13, a saudação ‘Tudo bom?’ indaga sobre alguma característica externa ao indivíduo, como o ambiente, e a relação desse exterior ao indivíduo. Isso é compatível com o fato de que o advérbio ‘aí’ ocorre fartamente como resposta à ‘Tudo bom?’, pois sua natureza é de exprimir circunstância de lugar próximo.

A análise das diversas construções que foram utilizadas como resposta para as duas saudações em estudo, ‘Tudo bem?’ e ‘Tudo bom?’, tem também como motivação o fato dessas construções apresentarem duas partes bem definidas: primeiro, a resposta para a pergunta que foi realizada pelo interlocutor 1, ou seja, a saudação em si (SR1); e, segundo, a ‘pergunta-resposta’ que o interlocutor 2 faz com o objetivo de retornar a pergunta que foi respondida. Essa ‘pergunta-resposta’ é onde se encontram os elementos nos quais foram realizadas as quatro separações que foram mencionadas antes. Essa segunda parte das construções, ou seja, essa ‘pergunta-resposta’ devolvida para o primeiro interlocutor é de importância para o presente estudo, pois, além de ter se apresentado em quatro tipos distintos, funcionam, por vezes, como uma forma de repetição da própria pergunta contida na saudação emitida pelo interlocutor 1.

É possível exemplificar o que foi mencionado no parágrafo anterior a partir do caso das construções com o elemento ‘aí’. Assim, a construção utilizada como SR1 para ‘Tudo bom?’ presente na figura 14, ou seja, “Tudo ótimo, e por aí?”, tem como ‘pergunta-resposta’ a pergunta “[...] e por aí?” e observa-se que esta segunda parte da construção evoca a saudação recebida pelo interlocutor 1, cujo *construal* coloca em proeminência o ambiente.

As construções-resposta, e seus quatro tipos presentes nos dados analisados, são compatíveis com a hipótese de que a distinção entre as saudações ‘Tudo bom?’ e ‘Tudo bem?’ está na proeminência colocada ou no ambiente ou no indivíduo da ação. Principalmente, ao observarmos o caso das construções com o elemento ‘aí’, e entendendo a presença da pergunta-resposta “[...] e aí?” e “[...] e por aí?” como uma maneira de manter na própria construção o mesmo *construal* estabelecido na pergunta recebida pelo interlocutor 1, justifica-se a preferência pelo uso do elemento ‘aí’ para as SR1 da saudação “Tudo bom?”, como

ilustra a figura 14. Sendo a natureza do elemento ‘aí’ a de um advérbio que expressa a circunstância de lugar próximo a pessoa a quem se dirige o discurso, o interlocutor 2 expressa a pergunta “[...] e aí?” ou “[...] e por aí?” por dois motivos concatenados: primeiro, por este interlocutor 2 já ter recebido a saudação (“Tudo bom?”) como uma indagação a respeito de seu ambiente, ou seja, com a proeminência posta no ambiente em que o mesmo se encontra; segundo, por querer devolver a saudação com o mesmo valor semântico, de modo que se utilizou da pergunta-resposta que expressasse circunstância de lugar.

Para concluir as observações sobre as construções com o elemento ‘aí’, é preciso destacar que houve ocorrências desse tipo de construção para a saudação “Tudo bem?”, ainda que em uma frequência baixa. Esse aspecto de lugar evocado pelo advérbio ‘aí’ é frequente para a saudação “Tudo bom?”, mas também pode ser encontrado com “Tudo bem?”, porque, como já se expôs neste presente trabalho, as saudações não são dicotômicas. O interlocutor tem sempre a possibilidade de não manter o “construal” estabelecido inicialmente, por razões pragmáticas diversas.¹ Caso contrário, seria impossível uma construção apresentada para “Tudo bem?” também aparecer para “Tudo bom?”, de modo que sempre se fala em preferência e em favorecimento ao fazer referência ao comportamento das construções, pressupondo um *continuum* entre as saudações.

Agora trataremos do caso de construções com o elemento ‘contigo’ e, em conjunto, o caso de construções-resposta com o elemento ‘com você’. Ambas as construções-resposta serão observadas juntas, pois, em princípio, entendia-se entre elas uma relação. As duas podem ser identificadas como a junção entre a preposição ‘com’ e a segunda pessoa do discurso, sendo ‘contigo’ uma aglutinação desta preposição ao pronome ‘tu’. Embora houvesse qualquer entendimento de relação entre as duas construções, a maneira como os dois tipos se apresentaram levou a ser feita uma devida separação entre ambos. O número de ocorrências das duas construções entre as duas saudações não foi igual, porém a diferença foi pouca. Isto poderá ser observado a seguir, a partir das imagens abaixo, em que se ilustra a frequência de cada construção para as duas perguntas.

¹ Um tratamento dessa questão foge ao escopo do presente trabalho, mas principalmente em se tratando de um aplicativo de relacionamentos como o *Tinder*, é possível que o interlocutor queira propor uma abordagem mais pessoal do que aquela apresentada pelo falante, e vice-versa.

Ocorrências para ‘Tudo bem?’	Ocorrências para ‘Tudo bom?’
$\frac{33}{60}$ 55%	$\frac{27}{60}$ 45%
Exemplo: S1: Tudo bem? SR1: Tudo ótimo, e contigo?	Exemplo: S1: Tudo bom? SR1: Tudo ótimo, e contigo?

Figura 15 – Construções com o elemento ‘contigo’

Ocorrências para ‘Tudo bem?’	Ocorrências para ‘Tudo bom?’
$\frac{49}{114}$ 42%	$\frac{65}{114}$ 58%
Exemplo: S1: Tudo bem? SR1: Tudo ótimo, e com você?	Exemplo: S1: Tudo bom? SR1: Tudo ótimo, e com você?

Figura 16 – Construções com o elemento ‘com você’

Como é possível observar, na figura 15, as respostas que continham ‘e contigo?’ na Saudação Resposta (SR1) foram mais frequentes para a Saudação (S1) ‘Tudo bem?’. Em contrapartida, na figura 16, a frequência de respostas que apresentaram o elemento ‘e com você?’ dentro da SR1 foi mais favorável para a S1 ‘Tudo bom?’. Nos dados coletados, a primeira característica observada foi ilustrada nas figuras 15 e 16, em que a pergunta que aparece no final da SR1 possibilitou um caminho para se explicar a distinção entre ‘Tudo bem?’ e ‘Tudo bom?’ em abertura de conversa.

Como mencionado antes, o comportamento entre os dois primeiros casos de construções não se mostrou significativo, pois é pouca a discrepância entre as duas perguntas – tanto para o caso apresentado na figura 15, quanto para o que se apresenta na figura 16.²

² Vale destacar que a maior frequência de “e contigo?” com “tudo bem?” e “e com você?” com “tudo bom?” pode constituir uma evidência indireta, de natureza sociolinguística, para os *construals* propostos. Embora os pronomes “tu” e “você” sejam percebidos como relativamente informais no português brasileiro, na fala carioca, há uma ligeira diferença de percepção relacionada a essa informalidade. Como apontam Lopes, Oliveira e Carvalho (2016), o uso de “tu” parece ser percebido como ainda mais informal e indicador de maior intimidade do que “você”. Levando-se isso em conta, pode-se supor que “e contigo?” é mais compatível com o *construal* estabelecido por “tudo bem?”, que coloca em proeminência o indivíduo, enquanto “e com você?” seria mais compatível com “tudo bom?”, que coloca em proeminência o ambiente, e pode ser percebido como menos pessoal. Embora questões de natureza sociolinguística fujam ao escopo do presente trabalho, essa possibilidade pode ser explorada em trabalhos futuros.

O quarto caso de construções é o que apresenta em sua pergunta-resposta o elemento “e você”. Este caso é apresentado por último, pois não observamos nele alguma característica que pudesse o colocar em vantagem quanto ao *construal* estabelecido ou por “tudo bem?” ou por “tudo bom?”. Entendemos que, neste tipo de construções-resposta, a presença do elemento “e você” somente retoma a pergunta contida na saudação, sem demonstrar muitas informações sobre o modo como essa pergunta foi recebida e processada pelo segundo interactante. Para além do que acabamos de informar, observa-se também a ocorrência deste tipo de construção-resposta para as duas saudações, vejamos:

Ocorrências para ‘Tudo bem?’	Ocorrências para ‘Tudo bom?’
$\frac{113}{198}$ 57%	$\frac{85}{198}$ 43%
Exemplo: SI: Tudo bem? SRI: Tudo ótimo, e você?	Exemplo: SI: Tudo bom? SRI: Tudo ótimo, e você?

Figura 17 – Construções com o elemento ‘e você’

Mesmo sendo “tudo bem?” a saudação que recebeu maior quantidade deste tipo de construção-resposta, não consideramos significativa a discrepância entre as duas variantes. Indo além do exemplo apresentado na figura 17, observamos nos dados a existência de construções que apresentavam elementos que acompanhavam o “e você”, como exemplo, observemos:



Figura 18 - Exemplo de construção-resposta com o elemento ‘e você’ para “Tudo bem?”



Figura 19 - Exemplo de construção-resposta com o elemento ‘e você’ para “Tudo bom?”

Em relação aos exemplos apresentados pelas duas figuras acima, primeiro, precisamos ressaltar que, apesar das mensagens serem apresentadas em balões de diálogo separados, elas são entendidas como um único fluxo de pensamento, tendo em vista as peculiaridades da CMC, no que diz respeito às suas ferramentas conversacionais, como já apresentamos no estudo bibliográfico deste presente trabalho. Portanto, ao tentarmos adaptar as respostas contidas nas figuras acima a uma linguagem padrão, teríamos como construção-resposta, tanto para a figura 18 quanto para a figura 19, o correspondente a “Tudo sim, e você, como está?”.

Assim, é possível entender que o elemento “e você”, dentro de uma construção-resposta, pode estar relacionado a uma forma subentendida quando aparece sozinho, igual ao exemplo presente na figura 17. De modo que, eventualmente, casos como os apresentados pela figura 18 e 19 podem aparecer. Entretanto, essa relação precisa de estudos mais aprofundados, ademais, este tipo de construção-resposta pode ocorrer para as duas saudações, dificultando um entendimento sobre o *construal* devolvido pelo interactante, mesmo quando contém elementos mais explícitos (como o “como está”). É preciso pontuar também que o número de construções-resposta similares às apresentadas na figura 18 e 19 foi ínfimo, dentro dos 198 casos representados na figura 17, em que não passaram de 14 ocorrências.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho enfocou as saudações “Tudo bem?” e “Tudo bom?”, em contexto de abertura de conversa via CMC. Para realizar o estudo, os dados foram coletados através do aplicativo telefônico *Tinder*. Com base no Princípio de Não-Sinonímia (Goldberg, 1995), nosso objetivo foi deixar explícita a diferença de significado entre as duas saudações e determinar se os tipos de construções que ocorreram na saudação-resposta são compatíveis com a diferença de significado estabelecida por elas. A hipótese apresentada foi a de que a saudação “Tudo bem?” coloca em proeminência o indivíduo alvo da saudação, em relação ao ambiente, e “Tudo bom?” coloca em proeminência o ambiente em relação ao indivíduo.

Entre os dados coletados, três tipos de construções-resposta apresentadas não se mostraram significativas, pois cada uma delas apresentou uma porcentagem muito semelhante em relação à ocorrência entre as saudações. Como as saudações funcionam como um *continuum*, o falante, por vezes, é levado a entender que “Tudo bom?” e “Tudo bem?” abrem a conversação da “mesma maneira”. Deste modo, a SR1 que vem em seguida pode devolver o construal da S1 recebida ou intercambiar com a S1 pragmaticamente semelhante.

O advérbio “aí”, bem como a locução adverbial “por aí”, possui em sua semântica, prototipicamente, a ideia de designar, apontar e destacar um lugar, seja um lugar físico, concreto ou abstrato. Em suma, o mencionado advérbio apresenta um construal que põe em proeminência um local em que algo, ou alguém, está inserido.

Entendemos que a saudação “Tudo bom?”, ao colocar em proeminência o ambiente no qual o indivíduo está inserido, tenderá a receber em maior número a SR1 que estabelecer um construal de semântica locativa. Assim, é possível verificar que os resultados são compatíveis com a hipótese que apresentamos, pois as construções-resposta com o elemento “aí” aconteceram em maior número para a saudação “Tudo bom?”, com 83% de casos. Além disso, respostas com “e contigo?” parecem ser compatíveis com o *construal* mais pessoal de “Tudo bem?”, embora esse fenômeno precise ser aprofundado em pesquisas futuras. Por fim, a SR1 “e você?”, por seu caráter mais neutro, pode ser utilizada com os dois tipos de saudação.

REFERÊNCIAS

- FAUCONNIER, G. Mental spaces. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____. Mappings in thought and language. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- _____, TURNER, M. Conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, L. Introdução à Linguística Cognitiva. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERRARI, L., MIRANDA, M.A. & GUEDES, G.P. Whatsapp: uma mesclagem multimodal contemporânea. *Revista Veredas*, n. 3, v. 2, 2019, p. 7-19.
- FILLMORE, C., KAY, P., O'CONNOR, C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. In: **Language**, v. 64, 1988, p. 501-538.
- GOLDBERG, A. Constructions. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- _____. Constructions at work: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- KAY, P., FILLMORE, C. Grammatical constructions and linguistic generalizations: the What's X doing Y construction. *Language*, 75, 1999, p. 01-34.
- LANGACKER, R. Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- _____. Foundations of cognitive grammar: Descriptive applications. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- LEVINSON, S.C. Conversation Analysis. In: _____. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 294-308.
- LOPES, C.S., OLIVEIRA, T.L. & CARVALHO, B.B.A. A expressão da 2ª pessoa do singular: variação e percepção numa abordagem experimental. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 117-132, 2016.